

humanitas

Vol. XXXV-XXXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV
C O I M B R A

estabelecimento do texto e, sobretudo, que baseie uma parte importante da sua argumentação (a equivalência do fogo ao Sol) na versão tradicional — vide esp. p. 71.

Estas e outras hesitações que poderiam referir-se, criam a ideia de uma certa falta de acabamento, que se reflecte também nos aspectos materiais do livro. As gralhas das citações gregas são incontáveis, sobretudo no que respeita a espíritos e acentos; citando ao acaso: *οὐτως* por *οὐτως* (p. 22); *κρίνει* por *κρινεῖ* (p. 63); *δλα* por *δλα* 2 vezes (p. 127). Palavras mal escritas: *ἀλλέλοις* por *ἀλλήλοις* 2 vezes, p. 22; *τράθεν* por *τράφεν* (p. 99); *ἐφθαίνης* por *ἐξαίφνης* (p. 173). Inexplicavelmente (mas sem a desculpa de Simplício ...) um erro de concordância, *τὸν κόσμος* que se repete duas vezes: pp. 105 e 81 (*κόσμος τόνδε*). Ocasionais desvios de paginação nos índices remissivos: e.g. Kerschesteiner, pp. 81, 86, 117 e não 82, 87, 118.

Mas outros belos momentos da obra redimem amplamente estas falhas e lacunas da argumentação: e.g. as reflexões extremamente valiosas sobre a consciência (já) homérica do tempo, com uma bem fundamentada rejeição da ideia tradicional, que vê ainda em Homero um sincretismo de tempo natural e tempo de vida humana (ideia em parte colhida no símil da «geração das folhas e dos homens», *Ilíada* VI) — vide pp. 14, 47-49. Assim, o pendor polémico, que ocasionalmente redundava em dispersão ou em controvérsia, é as mais das vezes positivo e estimulante e não abafa a finura e a justeza de reflexões como as que se lêem nas linhas finais do capítulo sobre Platão: «Naturalmente, el mecanismo de concepción de la eternidad en la mente humana ha sido inverso al del proceso cosmogónico. Dice Bonifaz Nuño: “es imposible pensar en la eternidad si no se le prestan las bases del tiempo, porque únicamente lo que ocurre en éste puede alcanzar la infinita realización en aquélla”. De este modo, haya nacido o no el concepto de ‘eternidad’ en Platón a raíz de una vivencia mística, — o, en fin, extática —, es patente que ha sido concibido a imagen y semejanza del tiempo, pero de un tiempo detenido en un presente continuo y dichoso» (p. 182).

MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO

M. J. FINLEY, *Os Gregos Antigos*, Lisboa, Edições 70, 1984, colecção «Lugar da História».

Depois das traduções dos livros de M. I. Finley, *O Mundo de Ulisses*, publicado pela Editorial Presença em 1972, e *A Economia Antiga*, da responsabilidade das Edições Afrontamento, acaba de sair do mesmo autor, agora nas «Edições 70», *Os Gregos Antigos* — um livro fundamental, cuja primeira edição, publicada em Inglaterra, data já de 1963. Como é do conhecimento de quem está familiarizado com a bibliografia da Grécia Antiga, o livro apresenta uma visão ampla e segura da

história e cultura gregas desde os Poemas Homéricos à época helenística. Formam o livro oito capítulos que versam os seguintes temas:

- 1 — Quem eram os Gregos? (Rápido relance sobre a origem dos Helenos).
- 2 — A Idade das Trevas e os Poemas Homéricos.
- 3 — Grécia Arcaica: colonização; tiranos e legisladores; a comunidade, a religião e o pan-helenismo.
- 4 — A cidade-estado clássica: guerra e império; Atenas; Esparta; o declínio da Pólis.
- 5 — Literatura: poesia, tragédia, comédia e prosa.
- 6 — Ciência; filosofia e política; atitudes e moral populares
- 7 — Artes visuais: arquitectura e planificação de cidades; escultura; pintura.
- 8 — A era helenística: cidades gregas e monarcas absolutos; Gregos e Romanos.

Uma tábua cronológica, uma escolhida bibliografia temática e um índice remissivo completam este volume que passa a constituir um acessível instrumento de trabalho, para quantos desejam dedicar-se ao estudo da história e da cultura gregas.

Em face disso, é pena verificarem-se algumas imprecisões de tradução e certa falta de critério na utilização da maiúscula nos etnônimos — ora surgem com maiúscula ora com minúscula — e na adaptação à língua portuguesa dos nomes gregos.

No desejo de contribuir para o aperfeiçoamento de futura edição — que bem o merece um livro da importância do de Finley — aqui deixo algumas observações que se me afiguram pertinentes:

- p. 15, linha 36, é preferível a forma Sículos a Sicélicos.
- p. 21, linha 25, talvez por gralha, aparece «seculo quinze» em lugar de «século quinto».
- p. 43, linha 13, «pequeno santuário» e «família» não constituem uma tradução exacta para *shrines* e *household*. O autor está a referir-se aos *altares* existentes em todas as *casas* gregas.
Na mesma página, linha 14, também me não parece correcto traduzir *parishes* por «sectores populacionais», visto não corresponder exactamente ao sentido do *demos* ateniense. Como se sabe, esse termo, além de designar o *povo*, aplica-se ainda a um determinado número — 100 segundo Heródoto 5. 69 — de circunções autárquicas, com certas semelhanças às nossas *freguesias*. Por isso, me pareceria melhor o uso deste termo.
- p. 48, linha 27, Arcarnienses não é a forma exacta para designar os habitantes da Acarnânia. O original inglês tem *Acarnanians* e em português a forma correcta seria *Acarnanes*. Mais adiante (p. 92, linha 23) utiliza-se a mesma forma *Acarnienses* para designar a comédia de Aristófanes que retira o nome dos habitantes de Acarnes, *demos* da Ática. O etnónimo consagrado — e, portanto, o nome a dar à comédia de Aristófanes — é *Acarnenses*.
- p. 53, linha 34, a forma correcta será Plateias, que aliás usa na p. 134, e não Plateia.
- p. 56, linha 14, Tráquis é não Trácia. São terras diferentes. Tráquis é uma região da Tessália que não tem nada a ver com a Trácia.

Na mesma página, linha 27, a forma correcta da cidade é Farsalo, que aliás usa no mapa da p. 28. Farsália é a região em que se situava aquela cidade.

- p. 62, linha 17, embora a forma Cleonte aí utilizada seja possível, de acordo com as regras, que permitem derivar os nomes do acusativo, Cléon é a forma consagrada e, além disso, preferível, por mais eufónica.
- p. 64, linha 30, a falta de aspas altera o sentido. Deve corrigir-se para «pelo *demos*», mais do que «pela *ecclesia*».
- p. 68, linhas 2, 15 e 27, não se justifica a utilização da transcrição grega ou inglesa *Phyx* para designar o local em que se reunia a *Ecclesia* de Atenas. A forma correcta em Português é Pnix.
- p. 88, na citação de Aristóteles das últimas linhas, «a tragédia é uma imitação (*mimesis*), mas da acção e da vida», faltou traduzir *not of men*, o que lhe retira sentido. O texto correcto seria: «... a tragédia é uma imitação (*mimesis*), não dos homens, mas da acção e da vida».
- p. 93, linha 36, Cratino e Êupolis são as formas com a acentuação correcta e não Crátino e Eupolis.
- p. 106, linha 27, trata-se de Apolónio de Perga e não de Praga.

Apesar dos reparos feitos, mais no sentido de contributo para aperfeiçoamento futuro, a tradução de modo geral merece confiança e constituirá sem dúvida um valioso instrumento de trabalho para os alunos de *História da Cultura Clássica* e de *Sociedades, Culturas e Civilizações Clássicas*.

Na mesma colecção, têm as «Edições 70» anunciadas traduções de outras obras importantes relativas à Grécia Antiga: *Instituições Gregas* de Claude Mossé e *Economias e Sociedades na Grécia Antiga* de M. Austin e P. Vidal-Naquet. Iniciativa meritória e credora do nosso aplauso, fica-se à espera, para breve, do aparecimento dessas obras e, se possível, de outras cuja falta se vai fazendo sentir.

A este propósito seja-me permitida uma sugestão: porque não pensar traduzir também, entre outras obras de outros autores, *Democracy, Ancient and Modern* (Chatto & Windus, Londres, 1972), *Ancient Slavery and Modern Ideology* (Chatto & Windus, Londres, 1980) e *Politics in the Ancient World* (Cambridge University Press, 1983), todos da autoria de M. I. Finley?

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA